 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 018. Antropologia dos Esportes: desdobramentos epistemológicos e teórico-metodológicos nos estudos das práticas esportivas

Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) - Coordenador/a, Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF) - Coordenador/a, Mônica da Silva Araujo (UFPI) - Debatedor/a Este grupo de trabalho ? fruto de estudos e esfor?os da antropologia brasileira em compreender das pr?ticas esportivas em sua interface com a sociedade. Nos ?ltimos encontros da RBA (desde 2000) e da RAM (desde 2001), compreendemos que o esporte institucionalizado e as pr?ticas esportivas est?o cada vez mais presentes na vida dos sujeitos e t?m adquirido maior visibilidade, tanto no cen?rio brasileiro, quanto no Sul-americano. Como efeito, vimos um aumento exponencial representado no n?mero de pesquisadoras/es (seja na qualidade dos trabalhos, seja na amplitude tem?tica), e tal aspecto se reveste no incremento (e verticaliza??o) de problem?ticas concernentes ? ?rea. Nesse sentido, ? no espa?o do GT que aprofundamos e refinamos alguns debates mais cl?ssicos da antropologia, como conceitos de identidades e etnicidade, teorias do indiv?duo e da pessoa, usos do corpo e estruturas de poder, al?m de outros mais contempor?neos, como as quest?es de g?nero, sexualidade e erotismo, interseccionalidades, novas subjetiva?es e as pr?prias pr?ticas esportivas. Essas tem?ticas emergem de etnografias densas e plurais, que abordam distintas modalidades esportivas como o futebol, v?lei, basquete, rugby, lutas e artes marciais, esportes de aventura, ciclismo, nata??o, dan?a e outras. O objetivo deste GT, portanto, ? possibilitar e dar manuten??o ao espa?o de di?logo, trocas, interlocu??o e colabora??o entre pesquisadoras/es envolvidas/os com o universo dos esportes.

Professores, cartolas e boleiros: agenciamentos Sateré-Mawé em olimpíadas e campeonatos de futebol indígena

Autoria: Ana Letícia de Fiori

Esta comunicação descreve os movimentos de professores indígenas Sateré-Mawé por entre aldeias e cidades (Parintins e Barreirinha-AM) do Baixo Amazonas para a organização, realização e participação de festas com caráter esportivo: olimpíadas indígenas e campeonatos de futebol, analisados sob a chave da interculturalidade. Discutem-se os agenciamentos desses professores enquanto lideranças, responsáveis por movimentar a comunidade, tornando-a vívida e animada, e angariando pessoas e recursos de dentro e de fora da área indígena, movimento para torná-los também pessoas magnificadas. A escola é um locus central, mas não o único, para tais agenciamentos, por conta das conexões que permite com instituições públicas, empresários, políticos e outras "autoridades" locais, além dos próprios rendimentos dos professores, utilizados para o financiamento de fardas, bolas, alimentação, prêmios e o deslocamento das equipes (pelos rios e igarapés da região). A escola fornece certa gramática para estas festas, por meio de seu calendário; do manejo de ofícios, regulamentos dos campeonatos e outras formas de "assinatura do estado"; que podem tanto produzir consensos quanto acusações entre as equipes, em uma lógica algo análoga às acusações de feitiçaria. Pela escola também circulam práticas desportivas e protocolos incorporados a estas competições, como esportes "olímpicos" (corrida com obstáculos, arremesso de peso) e práticas cívicas, trazidas desde o paradigma da escolarização indígena para a assimilação e integração, mas transformadas pelas perspectivas indígenas em diferentes formas de fazer política e manejar alteridades. Os times de futebol, por sua vez, de formação mais perene que as equipes das competições olímpicas escolares, movimentam comunidades e movimentam-se por comunidades, acumulando um histórico de vitórias e derrotas, lances memoráveis e reputações para seus jogadores; marcam laços de amizade, aliança ou parentesco; e são grande assunto

 ISBN: 978-85-87942-61-6

para conversas, mesmo à distância nas redes sociais (Facebook, Whatsapp) acessadas pelos "parentes" que estão nas cidades. Ambas as competições olímpicas e os campeonatos de futebol produzem corpos e estéticas em que se medeiam e manipulam potências indígenas e não-indígenas, seja pela decoração dos corpos com urucum, jenipapo, cocares e outros elementos que são avaliados enquanto "indígenas", pelo fardamento dos times e suas bandeiras tremulando pelos rios, pelas reuniões, conselhos e preleções das lideranças buscando consenso; pelo consumo benéfico de guaraná e alimentos benéficos ou o risco trazido pelas bebidas alcóolicas, um dos motivos pelos quais a conciliação e boas palavras das lideranças podem dar lugar a brigas e conflitos, trazendo à tona a semente da guerra que é o verso das festas indígenas.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

www.portal.abant.org.br/evento/rba/31RBA ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**